

Elisa Guaraná de Castro

*Young Fellow e Old Fellow: a construção da categoria
“jovem” a partir de um estudo de Arensberg e Kimball
sobre família e comunidade na Irlanda*

Introdução: a categoria juventude como objeto de investigação

Associada a “problemas” e “expectativas”, a categoria “juventude” tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a autopercepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Há muito a ser percorrido neste campo investigativo para nos aproximarmos das muitas juventudes “urbanas” e “rurais”.¹ O esforço deste trabalho pretende contribuir para a busca de caminhos e olhares que permitam que nos debrucemos sobre as formas de construção da identidade “juventude rural” e seus correlatos “jovem rural”, “jovem da roça”, “jovem do campo”. Um grande desafio é dessubstancializar estas categorias e procurar compreendê-las em seus múltiplos significados.

Elisa Guaraná de Castro é professora do Departamento de Letras e Ciências Sociais da UFRRJ. (elisaguarana@terra.com.br)

¹ Uma importante contribuição é o artigo de Regina Novaes (1997).

Embora o tema “jovem” e/ou “juventude” seja considerado marginal por diversos autores,² há uma extensa produção bibliográfica, principalmente associada a universos urbanos e, em alguns casos, se referindo a uma “sociologia da juventude”. Alguns textos remontam ao início do século passado, havendo uma certa regularidade de produção, sendo as décadas de 1960, 1980 e 1990 momentos de pico.³ E, apesar de limitado, existe um material empírico considerável, especialmente associado à “juventude urbana”. Já no que concerne à chamada “juventude rural”, a produção é bem menor.

Muitos trabalhos tratam juventude a partir de uma perspectiva sociológica, como categoria auto-evidente ou auto-explicativa, utilizando idade e/ou comportamento como definições metodológicas. Essa concepção de “juventude” é retomada nos anos 1990, tanto no campo acadêmico quanto no âmbito das políticas sociais. Apesar de bem menos expressivo, “juventude rural” ou “juventude camponesa” é também objeto de investigações passadas e recentes, e a partir de “problemas sociais”.

Flitner demonstra como “jovem camponês” foi preocupação de pesquisas em diferentes momentos históricos. Em pesquisas no século XVIII, principalmente em abordagens sobre educação, o termo já era utilizado para designar uma população específica. Da mesma forma

² Helen Wulff demonstra como o tema é tratado como secundário, especialmente na antropologia, voltaremos a essa questão à diante. Ao rever a bibliografia, Helen aponta como trabalhos expressivos: Parsons, 1942 e 1964; Coleman, 1961; Stanley Cohen, 1972; Jack Young, 1974 (apud Wulff, 1995). Para a autora esses trabalhos têm em comum o foco na juventude como um processo de aprendizagem para a vida adulta (op.cit.: 3).

³ Ver Britto, 1968; Flitner, 1968; Thévenot, 1979; Bourdieu, 1983; Fiúza, 1989; Margulis, 1996; Levi e Schmitt L., 1996; Vianna, 1997; Peralva e Sposito, 1997; Mische, 1997; Foracchi, 1972; Novaes, 1996, 1998, entre outros. Vale ressaltar que na década de 1990 e início dos anos 2000 há um forte investimento em pesquisas no Brasil por parte da Unesco, com ênfase na questão da violência, educação e trabalho, ver Waiselfisz (1998, 2000), Sallas (1999), Barreira (1999).

observou-se um menor investimento de políticas públicas que tinham como público-alvo a “juventude rural”.

Chama a atenção o fato de mais recentemente, sobretudo a partir da década de 90, ter havido um aumento significativo do número de trabalhos (além de ONGs, sítios da internet etc.), especialmente no chamado terceiro mundo, que abordam *jovem camponês* ou *juventude rural*.⁴ Os esforços se voltam para analisar “jovens rurais” associados a *problemas da migração rural/urbano*, da herança e sucessão da pequena propriedade familiar.⁵ Outros trabalhos focalizam “jovens” que já migraram de áreas rurais para áreas urbanas.⁶

⁴ Carneiro, 1998; Abramovay, 1998; Brkic e Zutinic, 2000; Torrens, 2000; Jentsch e Burnett, 2000; Majerová, 2000; Benevenuto, 2004; Stropasolas, 2004. Os termos em itálico sem aspas são termos nativos ou dos textos citados.

⁵ Nilson Wiesheimer (2004) realizou um levantamento temático acerca da produção acadêmica brasileira sobre *jovem no meio rural*, no período de 1990 a 2004. Cinquenta trabalhos foram relacionados sob os temas: “juventude e educação”; “juventude rural, identidade e ação coletiva”; “juventude rural e inserção no trabalho”; “juventude e reprodução social da agricultura familiar”. O autor conclui que a “migração e a invisibilidade” da juventude rural são os dois fatores mais marcantes nos estudos. O levantamento reforçou, ainda, a pouca produção acadêmica sobre o tema no Brasil: menos de quatro trabalhos por ano, no período analisado, sendo que 86% dos trabalhos se concentraram entre 2001 e 2004. Wiesheimer ressalta que esse súbito aumento de produção poderia apontar a consolidação de um campo. Seu estudo reforça a análise de Wulff, H. (1995) demonstrando que há uma concentração de trabalhos na área de sociologia, seguida com um número bem menos expressivo pela antropologia.

⁶ Engelbrektsson (1995) apresenta um estudo, que é parte de uma pesquisa comparativa e três países, sobre filhos oriundos de áreas rurais da Turquia, que vivem na Suécia e são a segunda geração pós-migração. Nesse trabalho a autora destaca o desinteresse pelo trabalho rural, apesar de um discurso que aponta para o retorno à Turquia, a prática cotidiana que reforça a permanência definitiva na capital sueca, principalmente como forma de evitar o retorno para uma área rural empobrecida e fortemente controlada pelos laços familiares. Existem ainda “redes virtuais”, como a Red Latino Americana de Juventudes Rurales, criada em 2002 e que propõe integrar organizações, programas, movimentos e pesquisadores para pensar o papel do jovem no

No entanto, pouco se investiga quem está sendo definido como “jovem”, em que condição e situação. Parte-se, muitas vezes, de formulações que pressupõem um consenso sobre a existência do “jovem” como realidade concreta e portadora de características que o diferenciam de outros indivíduos em uma mesma sociedade. Esta perspectiva homogeneiza a categoria na busca de construção de um objeto, de um conceito que possa ser paradigma. Talvez isso explique a pouca precisão que alterna nos mesmos textos termos como: *jovem*, *juvenil*, *juventude*, *adolescente* etc.

Entretanto, outra peculiaridade desse “campo de estudo” é importante para o debate proposto: o fato de o tema ter sido pouco abordado pela antropologia. Realmente, os primeiros estudos são das áreas de pedagogia, psicologia e sociologia (Flitner, 1968; Amit-Talai e Wulff, 1995). Amit-Talai e Wulff percorrem o “campo” e sustentam o pouco interesse da antropologia pelo tema. E, ainda, reforçam que os antropólogos se debruçaram pouco sobre o debate das múltiplas construções da categoria, recaindo nas mesmas armadilhas das pré-definições. Wulff (1995: 3) aponta como “juventude” foi objeto da antropologia clássica, em estudos sobre parentesco e família, como em trabalhos de Margaret Mead (1969), Wilson e Turner.⁷ Podemos acrescentar que os estudos de campesinato (Bourdieu, 1962; Arensberg e Kimball, 1968; Heredia, 1979; Thomas e Znaineki, 1974; entre outros) contribuíram fortemente para a análise do tema, como veremos adiante. Embora a categoria não fosse o objeto central, esses trabalhos contribuíram para a percepção das múltiplas construções da categoria juventude no campo. Mas, seria a partir de Henry (1965, apud Wulff 1995)⁸ e da Escola de Birmingham,⁹ segundo a autora,

desenvolvimento rural na América latina, e contribuir com as ações de movimentos jovens e políticas públicas. Ver <http://www.iica.org.uy/redlat/>

⁷ Wilson (1950) *Good Company* e Turner (1967) *The Forest of Symbols*, apud Wulff (1995).

⁸ Henry (1965) *Culture Against Man*, apud Wulff (1995).

que juventude se configuraria como um objeto da antropologia. Wulff se pergunta,

If anthropology is the study of humankind, why has it dealt mostly with men, to an increasing extent with women, to some degree with children and old people, but very little with youth as a subject matter?¹⁰

Para Wulff, uma das questões que influenciam o pouco interesse pelo tema é a percepção de juventude como um momento de transição para o mundo adulto, logo incapaz de produzir uma cultura própria.¹¹

A tarefa de buscar novos caminhos analíticos exige paciência e um trabalho minucioso sobre processos de construção dessa categoria. Esta é a principal razão, neste artigo, para se revisitar essa brilhante etnografia de Arensberg e Kimball. Como veremos, o trabalho desses autores traz questões centrais que ainda hoje permeiam o debate, como a migração dos jovens para a cidade, problemas de hierarquia enfrentados no interior da família, os conflitos acerca da herança e da sucessão, as questões de gênero.¹² Mas, principalmente, o material etnográfico de *Family and Community in Irland* contribui para a análise sobre o ser “jovem no campo” e mais especificamente como a construção da categoria “jovem” está imbricada nas relações de hierar-

⁹ Segundo a autora, embora a Escola não fosse antropológica, P. Willis, um de seus mais importantes expoentes, com seu *Aprendendo a ser trabalhador*, realizou uma das primeiras etnografias tendo “jovem” como objeto central.

¹⁰ Op. cit.: 1. “Se a antropologia é o estudo da humanidade, por que ela lidou principalmente com homens, em um crescendo com mulheres, em certo grau com crianças e pessoas idosas, mas muito pouco com jovens como objeto de estudo?” (Tradução da Autora – T. A.).

¹¹ Para a autora essa percepção de transitoriedade afeta os financiamentos de pesquisa, que tendem a apoiar, preferencialmente, estudos sobre juventude que tratem de problemas relacionados à educação e à migração, que seriam preocupações percebidas pelos “adultos” (op. cit.: 5).

¹² Diversos estudos abordam essas questões, como em Carneiro (1998); Abramovay (1998); Fortes (1969); Bourdieu (1962); Champagne (1979); Margarida Moura (1978); Woortman (1995).

quia, poder e autoridade, não só na família, mas na comunidade. No caso por eles estudado, a classificação do indivíduo como jovem ou velho está diretamente relacionada a “ser proprietário”, onde o corte etário pode ser secundário e até mesmo irrelevante.

Arensberg e Kimball (1968) empreenderam uma análise onde o termo jovem (*young fellow*) apareceu sempre em oposição a velho (*old fellow*)¹³ e se construiu a partir da organização social da comunidade e da própria família camponesa irlandesa. Neste caso, ser velho estava associado a ter propriedade, e gerava mais prestígio na comunidade e na família que ser jovem. Os autores constataram que a migração de filhos era uma das principais causas da diminuição da população camponesa e procuraram analisar o sistema camponês apontando como a sua própria lógica interna contribuía para esta migração. Por outro lado, observaram a existência de um grande número de homens solteiros com mais de 25 anos. Na reedição de *Family and Community in Irland*,¹⁴ dedicaram atenção especial ao material sobre as conexões entre campo e cidade, apontando que a juventude carregava para a cidade as obrigações de reciprocidade das relações familiares camponesas. Jovens homens e mulheres seriam os principais atores da reprodução dessas relações na cidade, abrindo canais de troca e maior circulação das famílias camponesas na cidade e conquistando uma situação de *status* no interior da própria família que não teriam se permanecessem na comunidade. Assim, a categoria jovem era construída em oposição à velho, mas seus significados variavam de acordo com a posição que o indivíduo ocupava na comunidade e na família.

Nesta etnografia os autores descreveram diferentes espaços de interação social que permitem uma análise recortada a partir da noção de reputação. Construída com base na posição que o indivíduo ocupava na família, nos espaços de sociabilidade, na comunidade e na relação

¹³ Tradução literal “jovem camarada” “velho camarada”, mas também pode significar ser uma “pessoa jovem” ou “pessoa velha” (T. A.).

¹⁴ A primeira edição desta monografia data de 1940 e sua reedição de 1968, ambas editadas pela President and Fellow of Harvard College.

com a cidade, a reputação permeava a definição de “ser jovem” e “ser velho”. Neste sentido, analisamos a etnografia levantando quando os termos eram usados, por quem e em que situações.

O estudo é paradigmático para a análise da construção da categoria jovem. Desconstruindo a definição etária, Arensberg e Kimball demonstram como as relações de patrimônio e herança estão no cerne da definição das posições que cada indivíduo ocupa na sociedade. Jovem e velho são duas categorias que atravessam *Family and Community in Irland* e que, segundo os autores, assumiam conotações específicas na realidade camponesa da Irlanda. Neste artigo serão tratadas juntas devido à própria lógica da construção dessas categorias na monografia, pois, como veremos, são acionadas pelos indivíduos relacionalmente e por oposição. Para dar conta da proposta para este artigo, o material etnográfico foi analisado buscando os elementos que ordenam essas categorias. Como ponto de partida foram adotadas definições fornecidas pelos autores, buscando um diálogo e uma análise do material empírico para aprofundar ou mesmo explorar novas percepções. Como veremos, em muitos momentos, os autores trataram o tema indiretamente e apontaram pistas investigativas importantes na construção da categoria “juventude”. Além de ser uma contribuição para o estudo de campesinato, “Família e comunidade na Irlanda” traz um importante e inovador olhar, com extrema atualidade, para questões como a saída dos jovens do campo, que atravessam há décadas o debate sobre juventude rural.

Young fellow e old fellow

Nevertheless, might not the longevity of peasants be after all a simple matter? In the Irish case we shall see that they live long because they have much to live for. In their own sphere of life, they are honored. They have power.¹⁵

¹⁵ Op. cit.: 162. “A longevidade dos camponeses não pode ser uma questão simples? No caso irlandês veremos que eles vivem muito porque têm muito por que viver. Na esfera de vida deles são honrados. Eles têm poder” (T. A.).

A pesquisa que originou *Family and Community in Ireland*¹⁶ foi realizada ao longo de dois anos no início da década de 1930 (Arensberg & Kimball, 1968, IX). Sediados no condado de Clare, que tem uma população majoritariamente rural, com predomínio da produção familiar em propriedades consideradas de tamanho médio e pequeno, os autores estudaram três comunidades, tratando-as como representativas das condições socioeconômicas da Irlanda.¹⁷ O ponto de partida para a investigação foi uma preocupação com aspectos demográficos. O censo de 1926 confirma uma tendência que estaria acontecendo desde os meados do século XIX na Irlanda: uma contínua diminuição da população rural e um aumento da emigração (a Irlanda detinha, à época da pesquisa, o maior percentual de toda a Europa de população nativa vivendo fora do país). Estes dois fatores, segundo os autores, vinham sendo associados à fome de 1845.¹⁸ Outras duas causas dessa diminuição seriam as transformações na agricultura e a mudança da criação de gado leiteiro para gado de corte (op. cit.: 94, 96).

Ao analisar os dados demográficos do país, os autores observaram que o declínio da população rural e a emigração eram mais acentuados entre os camponeses. Mas perceberam também outras caracterís-

¹⁶ A pesquisa foi realizada durante o doutoramento dos autores em Harvard, sob a coordenação geral do Prof. Earnest A. Hooton e coordenação de pesquisa do Prof. W. Lloyd Warner. A pesquisa teve início em 1931, Arensberg recebeu o Phd em 1934. (Contemporary Authors. vol. 156. Terrie M. Rooney editory. Gale Research. 1997. In:

http://134.29.9.229/information/biography/abcde/arensberg_conrad.html)

¹⁷ A monografia descreve e analisa em detalhes a família e a comunidade camponesa da Irlanda. Na segunda edição (1968) os autores acrescentaram uma segunda parte, composta de seis capítulos, sobre um dos principais núcleos urbanos de Clare, e as relações entre campo e cidade (op. cit.: VII).

¹⁸ O Centre of the Study of Rural Ireland (Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade do Estado de Illinois) disponibiliza um levantamento de títulos sobre a Irlanda que confirma a forte preocupação com a chamada “Grande Fome”. A bibliografia aparece dividida entre história pré e pós a Grande Fome. Para mais informações ver:

www.ilstu.edu/~ceorser/Related.htm

ticas importantes: a Irlanda tinha, segundo o censo de 1926, o maior percentual de pessoas não casadas, acima dos 25 anos, dentre os países que mantinham dados desta natureza.¹⁹ A porcentagem ainda era maior quando recortado por sexo, já que o número de homens não casados era superior ao número de mulheres solteiras. O número era proporcionalmente mais elevado na população rural e em especial entre os camponeses.²⁰ Estes últimos ainda apresentavam um percentual alto de casamentos tardios, sobretudo entre os homens. Outra especificidade apontada pelos autores foi o fato de a Irlanda ser considerada um país de pessoas velhas. O percentual de idosos era alto e ainda maior na população rural, especialmente entre os camponeses (op.cit.: 101, 102, 153, 154).

Assim, Arensberg e Kimball consideraram que o caminho para explicar os dados demográficos seria analisar detidamente o campesinato irlandês, já que este parecia concentrar de forma mais drástica características gerais do país. Estavam convencidos de que as grandes explicações econômicas não davam conta desta realidade e nem do motivo de as pessoas se comportarem desta forma, na medida em que, à época da pesquisa, o país e os próprios camponeses viviam uma realidade muito mais próspera que a grande fome do século anterior (op. cit.: 98, 99). Por que então continuavam a migrar, demoravam a se casar, (quando se casavam) e, ainda, o que influenciava a longevidade de sua população? Ou seja, estariam diante de uma aparente contradição: a população rural diminuía em números absolutos, mas vivia mais e melhor que meio século antes.

Para compreender tal situação partiram da análise da anatomia da classe camponesa (op.cit.: 301) e do comportamento dos indivíduos nesta estrutura, percebida como um sistema que determina eventos no campo (op.cit.: 303). Desta forma, puderam concluir que o sistema

¹⁹ A comparação realizada pelos autores usa dados demográficos dos EUA, Dinamarca e Inglaterra (op. cit.: 100).

²⁰ Esta preocupação é recorrente em estudos de campesinato: Bourdieu (1962), Moura (1978) e Woortman (1995).

camponês possui uma lógica própria que produz normas de conduta para a comunidade, a família e os indivíduos de acordo com suas posições neste sistema. Assim, em linhas gerais, o pequeno proprietário, detendo o mais alto *status* na comunidade, também representava o nome da família, o pai, o gerente do trabalho e da produção, a autoridade máxima no núcleo familiar. Da mesma forma, a mulher tinha seu papel, o de autoridade dentro do espaço doméstico, subordinado ao pai, mas acima dos filhos. Os filhos ganhavam respeito à medida que se tornavam mais velhos. Os filhos homens reproduziam as tarefas paternas e as filhas mulheres as tarefas maternas. Por fim, os velhos tinham mais prestígio na comunidade e na família que os jovens.

Os autores afirmaram que os camponeses não reconheciam explicitamente a existência de uma organização do comportamento baseado na idade. No entanto, havia uma constante verbalização das implicações desta organização no que tange à conduta individual cotidiana (op.cit.: 164). Termos como velho e jovem, e *old fellow* e *young fellow* eram acionados constantemente para identificar alguém de quem se estava falando. Do mesmo modo, ao falarem do passado, ou traçarem comparações com o presente, usavam constantemente *old people* e *young people*. Entretanto, apesar de tratarem dessa classificação como sendo por idade, veremos que jovem e velho são identidades que envolvem demarcadores para além dos cortes etários. Mas para se analisar mais detidamente estes termos, foi importante observar quem falava, sobre quem e que termos e qualificações eram utilizados. Ou seja, em que circunstâncias eram acionados os termos velho e jovem.

Nas falas dos informantes, apresentadas pelos autores, pode-se observar a presença de uma associação mais direta entre velhos e os velhos tempos (op.cit.: 164, 165). Havia uma exaltação por parte dos mais velhos sobre a época em que eram jovens e a vida que viviam – mais difícil, sofrida, que demandava mais trabalho e oferecia menos conforto. Os velhos reforçavam uma imagem recorrente – e que segundo os autores era reconhecida pelos jovens – de que eram mere-

cedores de prestígio em função da experiência e sabedoria acumuladas em tempos muito mais difíceis que os que viviam à época da pesquisa. Esta afirmação seria reforçada pela forma como os jovens falavam dos velhos com orgulho e como ficavam em silêncio para ouvirem suas histórias. O período da fome era lembrado como um destes momentos, e a luta pela sobrevivência ressaltava atos de heroísmo e coragem, que os teriam tornado resistentes e saudáveis.

Outro fator acionado pelos informantes para comparar os jovens do presente com os jovens do passado era a disposição para o trabalho, o tempo e dinheiro gastos com o lazer, como pode ser percebido através da seguinte passagem,

Young people today are not what they used to be [said one old farmer in the course of general discussion of golden age that was his youth]. They spend money for fags, they have to be gambling every night, or else go to a dance, and, if they happen to win a turkey, they will nearly shake the house down when they come in.... In the old days a man used always to be out repairing his stone walls, cleaning his land, or doing something. They expect everything to be done for them.²¹

Ao valorizarem o período da própria juventude, os velhos reforçavam a forma como adquiriram sua experiência e conhecimento, legitimando-se perante a comunidade e diante de velhos e jovens. Nesta passagem observamos o uso do termo jovem para identificar indivíduos no presente, associando-os ao pouco interesse pelo trabalho e à falta de responsabilidade. Na mesma fala, o informante classifica “os jovens” do passado através do termo homens, reforçando o seu interesse pela família e pelo trabalho na propriedade. Segundo os autores, as lembranças nem sempre eram deles; às vezes eram relatos dos

²¹ Op. cit.: 165. “Os jovens de hoje não são como no passado (contou um velho camponês no curso da discussão genérica sobre os anos dourados da sua juventude). Eles gastam dinheiro com cigarros, têm que jogar todos as noites, ou sair para dançar, e se ganham por acaso um peru, praticamente derrubam a casa ao chegar. Nos velhos tempos um homem estava sempre fora de casa consertando muros de pedra, limpando a terra, ou fazendo outra coisa. Eles [os jovens] esperam que tudo seja feito para eles” (T. A.).

seus pais – reproduzidos, contudo, como se fossem seus. Assim o presente era medido em oposição ao passado, este, refletindo as glórias vividas, tornando-se um veículo conveniente de sua superioridade. (op.cit.: 165) Pode-se afirmar que quem reproduzia esses relatos legitimava seu *status* de velho, associando-o à sabedoria, reforçando, dessa forma, sua autoridade na comunidade e em casa. Outro fator importante que se pode depreender de tal passagem é que as categorias jovem e velho eram construídas, neste contexto, relacionalmente e por oposição. Ao se falar dos jovens contrapunha-se, implícita ou explicitamente, os velhos. Isso ocorria tanto no discurso dos velhos quanto no dos jovens, mediante o uso de pronomes como nós e eles.

Apesar de os autores ressaltarem que a distinção entre jovens e velhos também abarcava as mulheres, observa-se nas falas apresentadas que os discursos eram mais direcionados aos homens. Ao usarem termos como *old fellow* e *young fellow*, a fala dos informantes (a maioria homens) abordava questões que diziam respeito ao universo masculino - mais valorizado na comunidade do que aquele considerado como feminino (não exclusivamente, mas principalmente o espaço doméstico). No entanto, ao apontarem termos que eram usados exclusivamente para qualificar velhos, tais como *saint* e *cailleach*,²² os autores afirmaram que esses poderiam ser usados para qualificar tanto homens, quanto mulheres. Mas a palavra *santo* apareceu associada aos homens, nas falas, e *cailleach* é uma palavra feminina o que pode significar que era mais usada para qualificar mulheres.²³

Os jovens também recebiam denominações que só se aplicavam a eles, como *boys* [meninos] e *holy* [sagrado]. Mas o termo *boy*, que pareceu ser o mais usado, também precisa ser analisado com cuidado,

²² *Saint* (santo); *cailleach* (bruxa, velha megera), in Webster's.

²³ O fato deste segundo termo também ser usado para qualificar estrangeiros reforçava a idéia de que na comunidade este termo tinha um significado negativo. O estrangeiro é visto com muita desconfiança, como mostram os autores ao longo da monografia, principalmente aqueles que não conseguem ser aceitos pela comunidade (op.cit.: 169).

pois, embora a tradução literal seja menino, podia ser usado para designar um homem adulto de 40 anos. Enquanto não fosse proprietário, o indivíduo continuava sendo tratado como o *boy* do fulano [seu pai].

Outro fator importante a se destacar é quem “falava” e quem “ouvia”. Os autores demonstraram que os filhos e os mais jovens ficavam em silêncio quando os mais velhos falavam. Este seria um exemplo de sua admiração pelos mais velhos, mas também pode ser lido como uma consequência da relação de autoridade estabelecida no interior da família e que era reproduzida em outros espaços de sociabilidade. Esta questão será retomada mais adiante.

Há uma constante alternância ao longo da etnografia entre o uso do termo filho e jovem, assim como pai e velho, ao se referirem ao que seria o mesmo grupo social. Assim, procurou-se olhar para o material etnográfico coletado por Arensberg e Kimball, buscando analisar os múltiplos significados destes termos, acionados nas falas dos informantes. O mesmo termo podia significar diferentes momentos na vida do indivíduo e carregar diferentes significados. O primeiro elemento apontado pelos autores como definidor destes grupos seria a idade, associado a momentos específicos de suas vidas. Assim, eram jovens aqueles que já haviam saído da escola e passado pela crisma, momento em que os filhos assumiam parte das tarefas do pai e as filhas, algumas tarefas da mãe, o que tendia a ocorrer por volta dos 15 anos (op.cit.: 52). Outro fator definidor do ser jovem era ser solteiro, o que pode ser observado na população que freqüentava os espaços considerados jovens. Mas, como veremos, mesmo essas duas características nem sempre estavam presentes na classificação de jovens.

O momento vivido no núcleo familiar e na comunidade influía também na identificação de quem era jovem. Da mesma forma, os autores apontaram como sendo velho aquele que era responsável pela sua família, o pai. Mas, ao descreverem quem freqüentava os lugares considerados na comunidade de velhos e os considerados de jovens, a definição destas categorias se revelou mais complexa.

As “casas” e outros espaços de sociabilidade

As atividades e os espaços de sociabilidade analisados variavam e possuíam diferente prestígio nas comunidades estudadas. Os diferentes grupos, ou *cliques*,²⁴ se encontravam em casas distintas, tanto os jovens quanto os velhos, tinham o hábito de se visitarem ou se reunirem à noite. Os *cuaird* – encontro entre velhos para conversarem - acontecia na casa de um dos velhos da comunidade que passava a ser denominada a casa dos velhos (os jovens chamavam-na mais dessa forma que os próprios velhos; no exemplo tratado na monografia o encontro era denominado *Dáil*).²⁵ Era a mais alta esfera de discussão informal na comunidade e também a de maior prestígio. Neste espaço discutiam-se desde questões relativas à produção e suas próprias propriedades, aos problemas considerados mais importantes para a comunidade (op.cit.: 173).

Já os jovens se encontravam em muitos lugares, nas casas uns dos outros, ou em uma casa em particular, em locais de dança, entre outros. Praticavam muitas atividades, como o *gamble* (torneios de cartas com premiação). Para tal, podiam se encontrar na casa de um dos jovens, o comum era revezarem as casas para os torneios. Ser um vencedor nos torneios conferia prestígio junto à comunidade, especialmente entre os jovens. A principal característica destes encontros, segundo os autores, era que não discutiam problemas da comunidade. Os principais freqüentadores eram solteiros, como veremos adiante.

A fala de um velho sobre a razão de os jovens não participarem dos seus encontros mostra como as diferentes atividades eram associadas a comportamento e posição na família e na comunidade:

²⁴ Termo usado pelos autores para definir estes grupos, e pode ser traduzido como grupo restrito (Webster's). Também foi amplamente utilizado na conceituação de tipos de *redes sociais*, como em Meyer (1987).

²⁵ Nome dado ao parlamento irlandês.

It wouldn't suit [for the young men to come]. They gather in at Jack Roche's and they laugh and joke and play cards. They talk about the next gamble and the next dance, and that is all they know. It is a lot of codology [nonsense..]. It is only the old men, the men with families and a responsibility on them, they are the ones that come.... we have real discussions in which we settle problems. Other times we discuss farming. It wouldn't suit for the young men to come in, but, when we get old and they get married, then they will gather and talk about this and that. That is the way it always has been and that is the way it always will be. There is never any bad blood between any of the village, and one reason is because we talk things over. ²⁶

Muitos elementos desta fala podem contribuir para desvelar as relações entre os que eram considerados jovens e velhos. Em primeiro lugar observa-se que os espaços nos quais conviviam eram distintos, tanto na sua localização, quanto nas atividades que praticavam. Variavam, também, em importância quanto à forma como interferiam na comunidade, na medida em que na casa dos velhos eram discutidos e resolvidos problemas de toda a comunidade. Outro fator importante nesta fala é a ideia de processo: o mesmo indivíduo passava de um grupo para o outro, mas esta passagem era simultânea, ambos envelheciam o jovem e o velho, ao mesmo tempo. O definidor aqui não era a idade, mas a posição na família, ser casado, ter filhos. Subentendido aparece um terceiro fator determinante para se fazer parte do grupo: ser proprietário.

²⁶ Op. cit.: 173-174. “Não seria apropriado [para os *jovens* virem]. Eles se juntam na casa de Jack Roche e riem, contam piadas e jogam cartas. Eles falam sobre o próximo jogo e a próxima dança, que é tudo que conhecem. É muita bobagem. Só os homens velhos, os homens com família e que carregam responsabilidades são os que vêm... Nós temos discussões verdadeiras em que resolvemos problemas. Em outros momentos discutimos produção. Não seria apropriado para os homens jovens virem, mas quando nós envelhecemos e eles casarem, aí se reunirão e conversarão sobre isso e aquilo. É assim que tem sido sempre e é assim que sempre será. Não há sangue ruim na vila e uma das razões é que conversamos para resolver as coisas” (T.A.).

Rynamona,²⁷ um vilarejo de médio porte, onde todos os moradores tinham terras na região e possuíam algum grau de parentesco, pode contribuir para se observar o que foi apontado anteriormente. A região era isolada e de difícil acesso. A casa do homem mais velho da comunidade era o local de encontro dos velhos, chamada pelos que viviam no local de *old man O'Donoghue's house* [casa do velho O'Donoghue]. A caracterização dos freqüentadores desta e de outras duas casas pode clarear as relações e os elementos que definiam quem era percebido como velho e quem era visto como jovem. Para facilitar a visualização do que foi descrito no material etnográfico como característica dos freqüentadores destes locais, optou-se por quadros comparativos (ver Quadros 1, 2 e 3).

Sete homens se encontravam na casa do O' Donoghue. Segundo os autores a “casa dos velhos” incluía proprietários adultos que eram pais de famílias “completas” (casal com filhos), cujos filhos tinham recém-sucedido os pais ou estavam perto de fazê-lo. As exceções seriam O'Louglin (solteirão) e John Quin, ainda em fase de transição (op.cit.: 182). (Ver Quadro 1).

A principal função do grupo era julgar, informalmente, questões pertinentes à comunidade. Mas o fato de ser informal não o tornava menos legítimo. Os problemas e conflitos tratados neste espaço, assim como as avaliações sobre as pessoas da comunidade, ganhavam enorme repercussão e costumavam ser reproduzidos pelos demais moradores da vila e da região. Como já foi descrito, além da agricultura e avaliação sobre os moradores da comunidade, outros temas eram tratados nos *cuaird*. Na *old man O'Donoghue's house* este também era o padrão. Alguns temas eram denominados de política, tais como: petições para melhoria de estradas e outras benfeitorias para a

²⁷ Não cabe entrar em detalhes sobre o vilarejo, o importante para este trabalho é ressaltar que os autores consideravam que esta comunidade servia como um exemplo das relações entre *jovens e velhos* em qualquer outra comunidade rural da Irlanda. Por outro lado, os elementos apontados foram reforçados por outras passagens do material empírico (op.cit.: 175).

comunidade, encaminhadas às autoridades competentes; premiações das safras agrícolas; participação nos conselhos e comitês do condado representando a comunidade; e ainda definição da participação unificada da comunidade nas eleições.²⁸

Existia outros velhos na comunidade, patriarcas de duas famílias que não participavam do *cuaird*. É importante ressaltar que quem não era do grupo não tinha sua “casa” representada neste espaço. Uma das famílias que não participava era pobre e “incompleta”, o proprietário vivia só com sua mãe (op.cit.: 182).

Os *jovens* também se visitavam com frequência e costumavam se encontrar na casa do Roche, onde o filho solteiro era a figura central. Diferente do *cuaird*, os jovens não formavam um único grupo fechado, a frequência variava e geralmente alguns grupos de diferentes lugares se juntavam para jogar cartas. No Quadro 2 pode-se observar alguns participantes mais assíduos, a maioria entre 20 e 30 anos, eram solteiros ou recém-casados. Alguns integrantes eram um pouco mais velhos que essa faixa etária. Os jovens que se encontravam nesta casa eram os que organizavam os torneios (op.cit.: 188).

A terceira casa, denominada pelos autores de *interstício*, era a do Oscar. Os homens que a freqüentavam tinham entre 35 e 60 anos e as atividades que praticavam juntos variavam. Raramente jogavam cartas. A conversa era a principal atividade e algumas questões da comunidade eram discutidas, mas não obrigatoriamente. Moroney - o mais velho integrante do grupo - participava da *casa do Oscar*, segundo os autores, por não se encaixar na *casa dos velhos*. A sua prosperidade o afastava do resto da comunidade e os moradores contaram que houve um incidente quando jovem, mas ninguém lembrou o que foi. Outro fator que o diferenciaria seria a sua posição política: ele

²⁸ Este último tema parecia gerar mais conflitos, que não eram, porém, verbalizados publicamente. Um entrevistado afirmou que não queria votar com o partido decidido pelo *cuaird*, mas não queria que ficassem sabendo para que não achessem que ele não era um deles (op.cit.: 183,184).

apoiava o partido do governo e era visto como um homem com a *stake in the country* [participação no país] (op.cit.: 181). Segundo os autores, dos homens que formavam este grupo, Mackey, Moroney e John Quin poderiam fazer a transição para a *casa dos velhos*. Mackey ainda teria que esperar alguns anos, pois era muito novo e recentemente havia tomado posse das terras de seu pai. John Quin já estava fazendo a transição e Moroney não parecia querer fazer parte do outro grupo.

Alguns, como o jovem Mackey e o jovem Roche, ainda freqüentavam as reuniões dos jovens, mas já não participavam de torneios. O que parecia unir os integrantes da casa do Oscar eram interesses comuns, mesmo que pouco definidos, e o fato de não estarem plenamente encaixados em nenhum dos outros grupos. Para alguns, isso seria uma questão de tempo – e a casa de Oscar representava uma transição –, para outros, jamais ocorreria. Este era o caso do próprio Oscar e do O’Sullivan, que não possuíam terras e por isso nunca alcançariam o *status* pleno de camponês. Estavam condenados ao celibato (op. cit.: 194).

Para Arensberg e Kimball, a principal distinção entre as casas, sobretudo entre a casa dos velhos e a casa de Roche, é que possuíam funções diferentes. Se ambas eram formas de reunir pessoas com interesses comuns, a casa dos velhos tinha uma legitimidade na comunidade até mesmo para tomar decisões em nome de todos, ao passo que a casa dos jovens era um espaço de recreação e um fim em si mesmo. Outro fator que os diferenciavam é que o grupo de velhos era mais coeso e fechado, enquanto o dos jovens não tinha um *clique* (grupo restrito) principal. Um terceiro fator, segundo os autores, é que o que unia os jovens era a vontade de se divertir, ao passo que o que configurava o grupo dos velhos era o respeito, o nome, a posição individual de cada um dos membros na família e na comunidade. O prestígio dos velhos seria duradouro e o dos jovens, efêmero, devido a vitória em torneios, mas não suficiente para inverter sua condição de subordinação, de menino, na comunidade (op.cit.: 190).

Quadro 1. Old man O’Donoghue’s house²⁹

Integrante	Idade	Membros da família que moram na casa	Ocupação	Observações no grupo
O’ Donoghue	O mais velho, idade não especificada	Sobrinho (50 anos) Esposa do sob. (sem filhos)	Proprietário, mas não trabalha mais.	O mais respeitado na comunidade. Ocupa a posição de juiz nos encontros.
O’Halloran	50 anos	Esposa e seis filhos. O mais velho tem 20 anos	Proprietário, uma das melhores, ativo.	Papel de <i>drawer-down</i> – responsável por manter o nível da conversa acessível a todos.
O’Loughlin	Mais de 50 anos	Vive só	Proprietário pobre, complementa renda quebrando pedra com os rapazes da comunidade.	Silencioso nos encontros não tem papel.
Roche	60 anos	Esposa mesma idade. Filho e Filha solteiros + 30 anos	Proprietário, considerado na comunidade, um bom produtor, ativo.	Promotor público – instiga os participantes a apresentarem seus argumentos na discussão.
Cullinam	Mais de 50 anos	Esposa e cinco filhos, vários filhos com mais de 25 anos.	Proprietário, tamanho médio.	Senador, homem de peso nos encontros. Responsável pelas ilustrações e histórias do passado.
Noonan	60 anos	Esposa, dois filhos e uma filha + de 20 anos (moram com ele outros mais velhos já partiram)	Proprietário, mora na vila. Considerado bom produtor e negociante.	“Os outros consideram ele um tolo”. Muito volúvel. Sem peso. Sem título, mas contribui mantendo a conversa animada.
John Quin	Idade não definida – nem jovem e nem velho	Casou com a cunhada de um proprietário falecido sem filhos A viúva permanece sem filhos	Proprietário, vive fora da vila na propriedade.	Sem posição definida, ainda não era visto como do grupo. A maior parte do tempo permanecia em silêncio. Chamado de <i>playboy</i> pelo O’Donogh.

²⁹ As informações dos quadros foram extraídas da monografia (p. 177-193).

Quadro 2. A Casa dos Roche

Integrante	Idade	Membros da família que moram na casa	Ocupação	Observações
Young Roche (filho de Roche)	30 anos	Solteiro, mora com o pai		Figura central no grupo
Sobrinho do Roche		Solteiro, mora com o irmão (casado)	Ajuda o irmão na propriedade	Outra figura importante no grupo
Young Mackey (ver Quadro 3)				
John Quin (ver Quadro 3)				Menos assíduo, peso
Outros				De outras comunidades próximas

No entanto, os dados forneceram outras informações importantes que podem contribuir para uma melhor compreensão destas relações. Comparando os três quadros observa-se, primeiro, a diferença da quantidade e do tipo de informações.³⁰ Na monografia o grupo dos velhos é descrito em mais detalhes pelos autores; em seguida, a casa do Oscar e por fim a dos jovens. Em relação à casa dos velhos, foram valorizadas pelos autores informações sobre idade, condição e posição na família, prestígio na comunidade, ocupação e papel no grupo. Na descrição da casa de Oscar, foram privilegiadas informações sobre idade, ocupação, posição na comunidade e no grupo. Na casa dos jovens, a situação familiar e a condição no grupo foram mais evidenciadas. Embora a idade fosse considerada importante, não foi especificada, individualmente, no que tange aos integrantes desta última casa.

³⁰ Na confecção dos quadros buscou-se inserir a maior quantidade possível de informações relatadas na monografia.

Quadro 3. A Casa do Oscar

Integrante	Idade	Membros da família que moram na casa	Ocupação	Observações
Oscar (apelido) ³¹	Mais de 40 anos	Solteiro	Carpinteiro, casa com jardim, na divisa da vila, sem terra para cultivo. Região mais pobre.	Papel de entreter o grupo, figura central em torno do qual todos se reuniam.
Young Mackey	Jovem – idade não definida	Recém-casado		Considerado muito jovem para a casa dos velhos.
Moroney	60 anos	Esposa. Um filho e uma filha quase 30 anos, ainda em casa. Todos trabalham na propriedade.	Proprietário, considerado o mais próspero da vila, tem a melhor casa e faz as maiores contribuições para a Igreja. Ativo na produção.	Um dos poucos cuja fala tinha peso.
Young Roche		Filho do Roche. Solteiro	Encarregado da propriedade que em breve herdará.	
O'Sullivan	65 anos	Solteiro	Pastor e veterinário, sem terra própria.	Estranho à comunidade, ganhou seu espaço e é respeitado. Sua fala tinha peso.
John Quin (ver Quadro 1)				Sua fala tinha peso.
Os Irmãos Pilkington	40 anos	Solteiros	Propriedades muito pequenas	Silenciosos a maior parte do tempo.

Apesar de a idade ter aparecido como um primeiro fator que contribuía para o enquadramento em um ou outro grupo, pode-se observar que o corte etário nas casas e entre as casas era bem mais flexível do

³¹ Apelido associado à sua força física, Oscar representa o Hércules na saga irlandesa (op. cit.: 191).

que a classificação “jovem” e “velho” usualmente utilizada.³² Comparando os quadros têm-se as seguintes faixas etárias :

Casa dos velhos – 50-60 anos

Casa dos jovens – 20-30 anos (embora não tenha sido definido, os autores afirmaram que alguns freqüentadores eram mais velhos)

Casa do Oscar - 40-65 anos

No que se refere às informações do Quadro 1, a média de idade da casa dos velhos era de 55 anos. As exceções eram o próprio O'Donoghue que parecia ter mais (a idade não foi especificada, mas os autores se referiram a ele como um dos mais velhos da comunidade) e John Quin, cuja idade também não foi definida, mas foi apontado como mais jovem.³³ Todos eram ativos em suas propriedades, o que indica que a categoria velho não estava associada, neste caso, à inatividade, mas sim àqueles que permaneciam atuantes e ocupando a posição de comandando como proprietários. A exceção novamente é O'Donoghue que já não trabalhava, mas comandava a casa dos velhos e as decisões como produtor em sua propriedade.

No Quadro 2 as idades variavam entre 20 e 30 anos, mas o grupo contava com a presença de John Quin e do jovem Mackey, que mesmo sendo menos assíduos, ainda freqüentavam as reuniões. No Quadro 3 a extensão etária era maior e mais variada e todos eram ativos.

Apesar de os autores afirmarem que a idade era importante e que era seguido um certo padrão, as exceções eram muitas, o que pode significar que, a não ser por um grande recorte – 30 anos, abaixo do qual se era considerado jovem – a definição de velho não aparecia em função de uma determinada idade e nem tampouco a de jovem desapa-

³² Como no caso da maioria das pesquisas que seguem a definição da OMS e da Unesco, “jovem” compreende a faixa etária de 15 a 24 anos.

³³ Um dos proprietários mais velhos da comunidade, irmão mais velho de Roche de 75 anos, não participava mais do *cuaird* e seus filhos cuidavam da propriedade, a justificativa estaria na fala de um informante “[ele] está muito fraco para sair de casa” (op. cit.: 181).

recia em determinada faixa etária. Outros elementos eram conjugados para que se fosse identificado como pertencendo a uma ou outra categoria.

Um segundo fator que pode ser destacado é a descrição das ocupações e relação com a propriedade. Estas pareciam definir claramente quem podia ou não participar da casa dos velhos, mas não pareceu ter relevância nas outras duas casas. Não ser proprietário e não ser aceito no grupo dos velhos surgiu como características muito presentes na casa do Oscar. E estar em uma situação indefinida, e/ou de subordinação no interior da família, podia contribuir para se frequentar a casa dos jovens. A posição na comunidade é outro elemento que variou de grupo para grupo. Entre os jovens não parecia ter importância, podendo o integrante ser até de outra comunidade. Entre os velhos, ao contrário, era determinante. Assim, as posições de prestígio interno ao grupo tendiam a estar diretamente associadas ao reconhecimento que um indivíduo tinha na comunidade.

A descrição das reuniões na casa de O'Donoghue é reveladora. Os sete homens se reuniam em torno do *hearth* [lareira]³⁴ e ocupavam sempre as mesmas posições: O'Donoghue, o lugar de honra, cadeira à direita da lareira. Ao seu lado, mais perto da lareira, ficava O'Loughlin, sentado à ponta do *hob*.³⁵ O'Halloran ocupava a outra ponta do *hob*. Roche sentava ao seu lado, no sentido oposto ao de O'Donoghue, também próximo ao fogo. Cullinan sentava mais ao centro da sala. Atrás destes cinco, sentados à mesa da cozinha, ficavam Noonan e John Quin. A posição em relação à lareira e também em relação a O'Donoghue reflete o peso no grupo. Quem sentava ao seu lado, ou próximo, tinha mais prestígio do que quem ficava mais afastado. John Quin, por exemplo, que não foi descrito como se tives-

³⁴ Que também quer dizer lar, família.

³⁵ *Hob*, parte saliente que separa a lareira do chão, elevado, parte mais próxima do fogo.

se um papel de destaque na comunidade, ficava em silêncio e no lugar mais distante em relação à lareira.

Assim, pode-se afirmar que os mesmos termos jovem e velho, quando acionados para classificar quem podia ser da casa, ganhavam significados distintos de acordo com a posição social do indivíduo na família e na comunidade. Isto é, se o indivíduo era um proprietário, mas mal visto na comunidade, ele também não seria aceito na casa dos velhos. Ou seja, a classificação velho ou jovem podia ser associada a atributos mais “positivos” ou “negativos” de acordo com a sua situação em relação à propriedade, a composição e sua posição na família, e o seu ciclo de vida. Um exemplo é o fato de um mesmo indivíduo participar de mais de um grupo, tendo que John Quin aparecido nos três e o jovem Mackey no segundo e no terceiro. O que variava era o prestígio em cada grupo, assim John Quin tinha peso no segundo e no terceiro, mas ficava em silêncio e era chamado de *playboy* na casa dos velhos. Apesar do tom depreciativo com que era tratado, o fato de poder participar das reuniões o diferenciava de outros “jovens”.

Outra característica que se evidencia com a descrição dos grupos é que eram universos exclusivamente masculinos. Os autores ressaltaram que outros espaços - como as danças - eram freqüentados também por mulheres, em sua maioria jovens. A dança, por sua vez, era um costume que vinha se modificando. Antes era um evento em que toda a comunidade, jovem e velha, estava presente, mesmo que ocupando papéis diferenciados, os jovens dançavam e os velhos vigiavam. À época só os jovens freqüentavam os locais onde eram realizadas as danças e onde podiam se aproximar de jovens do sexo oposto.

Pode-se acrescentar a esta leitura um outro recorte. A casa dos jovens, apesar de não quebrar a hierarquia - existente na comunidade - entre jovens e velhos, rompia com uma lógica de controle dos mais velhos sobre a comunidade como um todo e especialmente sobre os jovens, na medida em que possibilitava a presença e a convivência com jovens de outras localidades. Por outro lado, a casa dos velhos que integraria novos membros conforme fossem envelhecendo, só o

fazia a partir de determinados parâmetros. Assim, não bastava ser velho, para ser do grupo era necessário ser da comunidade.

Ser velho, por sua vez, dependia de vários fatores que precisavam ser reconhecidos socialmente, não só na família mas na comunidade. O que definia a entrada no grupo era o prestígio individual, que só era atingido plenamente pelos proprietários bem-sucedidos, patriarcas de suas famílias, com perspectiva de continuidade através de um herdeiro e que se distinguíssem dos demais grupos, principalmente dos jovens. Assim, ser recém-casado, mas sem a propriedade da terra, não qualificava para entrar no grupo.

A casa do Oscar pode ser lida, a partir deste recorte, menos como um espaço intermediário e mais como um grupo paralelo ou alternativo à casa dos velhos, onde se reuniam indivíduos que se percebiam adultos, sem disposição para a casa dos jovens. Mas essa condição não significava, necessariamente, uma passagem para o grupo dos velhos. De todos os seus integrantes, só John Quin de fato parecia estar vivendo esta transição.

Outros dois elementos centrais para a compreensão das relações implicadas nessas casas devem ser analisados conjuntamente. Em primeiro lugar a importância da situação familiar e da posição do indivíduo na família. Nas três casas estas informações foram ressaltadas. Na casa do O'Donoghue, à exceção de O'Loughlin, os demais eram casados e contavam com a presença em suas propriedades de filhos já crescidos (com mais de 20 anos) ou sobrinhos. Assim O'Loughlin e John Quin, que permaneciam mais em silêncio, eram exceções ao grupo, o primeiro em situação considerada mais grave porque vivia só. John Quin assumiu a propriedade de outra família, casando com a irmã de uma viúva e não tinha filhos até aquele momento. Esses fatores podiam contribuir para a posição que ambos ocupavam no grupo. Isso porque, na comunidade eram vistos de forma ambígua, John Quin pela situação familiar e O'Loughlin, além disso, pela condição de pobreza e por não ter como produzir satisfatoriamente em suas terras, o que o levava a quebrar pedras, serviço considerado de meninos.

Nos espaços dos jovens se a idade parecia mais limitada que nas outras casas, entre 20 e 30 anos, a condição de solteiro também era uma característica recorrente. Alguns recém-casados apareceram entre os mais assíduos, estes ainda não eram ou jamais seriam proprietários.

Mas um segundo elemento relacionado à família chama a atenção. Três integrantes de uma mesma família participavam nas três casas, e ocupando papéis de destaque. Roche, o patriarca, freqüentava a casa do O'Donoghue, como promotor público. Roche filho, citado como o jovem Roche, participava da casa do Oscar e os jovens se encontravam em sua casa, a casa Roche,³⁶ onde era uma figura central. Seu primo também freqüentava a sua casa e tinha igual papel de destaque. Através desse caso fica evidenciado que as distinções quanto à participação nas casas e à posição na família estavam interligadas. O fato de o pai, o filho e o sobrinho não freqüentarem o mesmo espaço pode reforçar a idéia de que os grupos eram ordenados por oposição e, ainda, que não era “permitido” àqueles considerados jovens e velhos em uma mesma família conviver na mesma casa. A autoridade paterna era reforçada pela presença do pai em uma casa que definia e julgava regras e normas para toda a comunidade. Por sua vez, o filho reforçava seu papel de subordinação freqüentando espaços que eram percebidos como de menor responsabilidade, mais efêmeros.

Ser velho e ser jovem, assim como participar destes espaços de sociabilidade, estava intrinsecamente ligado à condição familiar e à posição do indivíduo no interior da família, como será tratado a seguir. Da mesma forma, freqüentar uma única casa legitimava o seu pertencimento à casa e lhe conferia prestígio. Participar de mais de uma casa, como John Quin, caracterizava uma situação de menos prestígio na casa dos velhos, por exemplo.

³⁶ O nome da casa decorre do pai e não do filho.

Ser velho e ser jovem na família

A família camponesa irlandesa,³⁷ como tratada na monografia, era organizada de maneira patriarcal: o pai concentrava poderes e gerência da produção, e representava a autoridade máxima, mesmo nas decisões que envolviam a vida dos demais membros da família. As tarefas que executava eram consideradas as mais difíceis, ligadas à produção, construção e manutenção de bens para a casa e para a propriedade. Os filhos homens aos poucos iam assumindo, junto com o pai, estas tarefas. O pai era ainda o que dava nome à família e todos eram tratados como pertencendo à casa³⁸ de tal proprietário. O principal laço que os unia era o respeito à autoridade. A afetividade podia ou não se desenvolver neste processo (op. cit.: 37, 50, 56).

A mãe gerenciava o espaço doméstico, cuidava das filhas e dos filhos, principalmente em idade escolar. As suas tarefas eram consideradas menos pesadas e envolviam todas as atividades domésticas, o cuidado com pequenos animais, a ordenha, a produção de manteiga e pão para o consumo da família e que podiam também ser vendidos. A renda proveniente destes produtos ela gerenciava. As filhas aos poucos dividiriam tais tarefas com a mãe. Segundo os autores, a mãe desenvolvia um forte laço afetivo com os filhos, homens e mulheres, e podia mediar conflitos entre os filhos e o pai. Os filhos deviam obediência aos pais e laços afetivos eram construídos entre irmãos (op.cit.: 36, 57). Algumas tarefas eram realizadas por toda a família. A ceifa e a estocagem do feno para o inverno, as tarefas mais importantes para a família, demandavam o trabalho de todos e deviam ser realizadas em um curto espaço de tempo (op.cit.: 48).

³⁷ Na monografia os autores descreveram e discutiram detalhadamente as características da família camponesa irlandesa. Em função dos propósitos deste artigo, essa caracterização será tratada de forma mais resumida, dando destaque aos elementos que contribuem para aprofundar a preocupação com as categorias *velho e jovem*.

³⁸ *Casa* também significava o nome da família e sua continuidade de uma geração para outra.

O(a) filho(a) passava pelo que se pode chamar de quatro fases de crescimento (op.cit.: 52):

1ª fase: até os 7 anos, independente do sexo, seu lugar era na casa com as mulheres e próximo da mãe. As tarefas que realizava eram consideradas de pouca importância: levar as refeições para o pai, eventualmente ir ao mercado para a mãe, levar ou trazer recados de vizinhos.³⁹

2ª fase: após a 1ª Comunhão começava a conviver com os irmãos mais velhos e assumia pequenas tarefas que o(a) aproximava do pai (mãe, agora em outra condição) e de outros homens (mulheres) da vizinhança.

3ª fase: 10-11 anos, independente do sexo, teria que se afastar da escola, se necessário, para tomar parte no trabalho agrícola na época da primavera (ceifa e estocagem do feno para o inverno). O filho já acompanhava o pai ao mercado e à feira, mas nunca sozinho (a partir dos 12 anos). A filha assumia um número maior de tarefas e ajudava a cuidar dos mais novos.

4ª fase: após a Crisma e o término da formação escolar, passava a assumir as tarefas dos homens e mulheres. Já era considerado (a) adulto (a).

As distinções internas à família se refletiam na ocupação dos espaços domésticos. Nas refeições os homens adultos da família se sentavam à mesa e comiam primeiro, enquanto as mulheres os serviam. Só depois que terminassem é que as mulheres e crianças poderiam comer. Os pais ocupavam o principal quarto da casa e o(s) filho(s), outro(s) quarto(s). As crianças dormiam em um local separado, no mezanino (*loft*), formado sob o teto ou em camas aramadas na cozinha. Só passavam a dormir com os irmãos mais velhos a partir da 2ª fase de crescimento.

Mas mesmo quando entrava na 4ª fase o(a) filho(a) continuava sob a direção do seu pai (mãe) até que este morresse ou lhe passasse a propriedade, no caso do filho ou quando casasse – no caso da filha. Toda a renda da família era controlada pelo pai, e qualquer dinheiro que

³⁹ As casas dos camponeses são afastadas umas das outras, dentro das propriedades.

os filhos precisassem deveria ser pedido ao pai. Enquanto ele estivesse nesta condição de subordinação seria sempre tratado pelo termo *boy*, o menino do fulano. Como na passagem, "You can be a boy here forever as long as the old fellow is still alive."⁴⁰

Em outro episódio, um deputado do parlamento irlandês provocou risadas em 1933, quando pediu um tratamento especial na divisão de terras para os meninos de 45 anos ou mais, que não possuíam outra perspectiva, senão esperar pelas terras de seus pais (op.cit.: 55). A condição de menino só mudava, como já foi dito, quando este se tornasse proprietário, o que para alguns podia nunca ocorrer.

Os autores descreveram como relações eram travadas no interior da família camponesa a partir da posição que ocupavam, tendo sempre como posição de maior prestígio aquele responsável pelo gerenciamento e manutenção do patrimônio. Da mesma forma, o prestígio de cada indivíduo mudava de acordo com o ciclo de vida e a relação com o patrimônio - conforme envelhecesse, casasse, se aposentasse etc.⁴¹

Segundo os autores, a família camponesa irlandesa era regida por uma lógica de obrigação e reciprocidade entre parentes e vizinhos. Um costume comum nas relações entre as famílias camponesas, relatado na monografia, era a ajuda mútua. A forma como esta acontecia também contribui para aprofundarmos a análise das relações entre pais e filhos, meninos e velhos. A troca geralmente ocorria entre conhecidos e principalmente entre parentes. O que era mais trocado era o uso de máquinas por força de trabalho. Ou seja, uma família que tivesse máquinas e pouca mão-de-obra ativa trocava com outra em situação inversa. Mas a mão-de-obra trocada era a dos filhos. Estes

⁴⁰ Op.cit.: 55. "Você pode ser um menino para sempre enquanto o seu velho ainda estiver vivo" (T. A.).

⁴¹ Essas características se repetem em diversos estudos sobre famílias camponesas, como na monografia *The Polish Peasant in Europe and America*, por Thomas e Znaniecki (1974) que data do início do século XX. Da mesma forma, reaparece em *Célibat et condition paysanne* de Bourdieu (1962).

eram emprestados, com certa freqüência, para realizarem diversos tipos de serviços: ajudar na produção agrícola, acompanhar na feira, em situações festivas e da vida familiar (casamentos, crismas, funerais etc.). A troca gerava uma relação de obrigação e reciprocidade que, se negada, ocasionava conflitos. Ou seja, a recusa de emprestar um filho ou uma máquina, ou um desentendimento quanto ao que foi acordado, poderia gerar uma má fama para o pai da família.

Os filhos ajudavam na produção até a idade adulta quando um era escolhido para suceder o pai como proprietário, os demais seriam encaminhados na vida. Buscava-se assim uma certa equivalência para compensar os demais filhos que ajudavam na manutenção do patrimônio da família, mas que teriam que sair da propriedade.⁴²

A descrição, por parte de um informante, de uma situação hipotética pode contribuir para se perceber como a decisão sobre o futuro dos filhos era uma questão definida no interior da família. Um casal com quatro filhos e duas filhas tinha como perspectiva para os filhos a seguinte ordenação (op.cit.: 141): o filho mais velho assumiria a propriedade ao casar; o segundo filho poderia continuar os estudos em uma universidade; o terceiro filho poderia abrir um negócio próprio no local ou emigrar para uma cidade ou outro país; o quarto filho poderia se tornar professor, policial ou se casar com uma herdeira; a primeira filha poderia se casar com um herdeiro e seu dote seria pago à nova família; a segunda filha poderia se tornar professora, enfermeira ou empregada doméstica.

Nesse e em outros exemplos apresentados na monografia, pode-se depreender que a idéia de equivalência para os filhos que não herdavam a terra variava de acordo com sua posição e a condição econômica da família. Os filhos mais velhos pareciam ter um certo privilégio quanto às possíveis opções para seu futuro. Quanto menos recursos a família tivesse, mais teria que lançar mão de estratégias de inserção que não dependessem do seu patrimônio. Como os casamen-

⁴² Op. cit.: 60. A unigenitura é tratada por Moura (1978).

tos costumavam ser realizados entre iguais, a chance de elevar o *status* de uma família considerada pobre aos olhos da comunidade era pequena e a tendência era que o filho não herdeiro se tornasse um celibatário, porque os camponeses mais pobres não encontravam noivas para seus jovens. E viam suas famílias morrerem.

O casamento do filho que iria herdar a terra podia ser um momento de crise interna e transformações na família. Neste momento um novo casal assumia a gerência da casa e do patrimônio familiar. O casamento era organizado, tradicionalmente, através do *matchmaking*, casamento contratual acordado entre duas famílias⁴³. Segundo os autores, o casamento era uma iniciativa dos pais dos futuros noivos e todo o processo de aproximação entre o casal era feito com sua intermediação (ou ainda através da ajuda de um vizinho ou de um casamenteiro), como na fala de um informante,

If I wanted to give my farm to my son and I would be worth, say, two hundred pounds, I would know a fellow up the hill, for instance, that would be worth three hundred pounds. I would send up a neighbor fellow to him and ask him if he would like to join my family in marriage. If the fellow would send word he would and the girl would say she was willing..., then on a day they agreed on I and the fellow would meet in... [the local market town] and talk over the whole thing in terms, maybe sitting on the whole day. Then, before, if it was land I didn't know or the fellow came from afar off, I would walk⁴⁴ his land and look at it and the cattle there were on it to make sure of the farm. Then we would go to a solicitor that day and make up the writing⁴⁵ in...⁴⁶

⁴³ Ver descrição detalhada no capítulo 6 na monografia, especialmente nas p. 102-117.

⁴⁴ *Walk the land* que significava o pretendente se assegurar que o patrimônio da família valia o que estava sendo negociado. Mais comum quando as famílias não se conheciam.

⁴⁵ *Writing*: contrato matrimonial.

⁴⁶ Op. cit.: 105. "Se eu quisesse dar a minha propriedade para o meu filho e eu estivesse valendo (a propriedade e o proprietário se misturam nessa descrição - Nota da Tradutora), digamos, duzentas libras, e eu conhecesse um camarada subindo o morro, por exemplo, que valesse trezentas libras,

Mas analisando as outras falas se pode observar que podia haver uma intensa participação dos futuros noivos que, em uma situação ideal, contribuíam para a aproximação, ou mesmo tomavam a iniciativa (no caso do rapaz), sabendo de antemão da aprovação por parte de seus pais, ou no limite podiam fugir para casar, como se pode perceber na passagem abaixo, de outro informante,

When a young man is once on the lookout for a lady, it is put through his friends for to get a suitable woman for his wife. It all goes by friendship and friends and meeting at public houses. The young man sends a speaker to the young lady and the speaker will sound a note to know what fortune she has, will she suit, and will she marry this Shrove? She and her friends will inquire what kind of man is he... So then he goes back to the young man's house and arranges for them to meet in such a place on such a night... The speaker goes with the young man and his father that night, and they meet the father of the girl [sem a presença da moça]...⁴⁷

O restante do processo era o mesmo, mas comparando essa descrição com a anterior, fica claro que a autoridade paterna era determinante no processo de decisão, no entanto existia, em alguns casos, espaço para iniciativas dos filhos. Apesar desse espaço de ação, aparente-

eu mandava um vizinho que fosse meu camarada para lhe perguntar se ele gostaria de juntar-se a minha família em casamento. Se o camarada dissesse que sim e sua filha se dispusesse..., então em um dia combinado nos encontraríamos no mercado local e conversaríamos sobre os termos, o que poderia durar o dia todo. Se fosse terra que eu não conhecesse ou o camarada tivesse vindo de longe, eu andaria sua terra [conhecer pessoalmente uma propriedade e os bens do pai da futura], veria a terra e o gado para me assegurar da propriedade. Depois faríamos o contrato matrimonial” (T. A.).

⁴⁷ Op. cit.: 107, 109. “Quando um jovem está à procura de uma moça, seus amigos são acionados para procurar uma mulher adequada para ser sua esposa. Tudo acontece através da amizade e dos amigos e de encontros em locais públicos. O jovem manda um interlocutor para a jovem moça e o interlocutor vai sondar sobre a sua fortuna, se ela é adequada e se ela se casaria com seu amigo. Ela e seus amigos inquiririam que tipo de homem é o pretendente. Então o interlocutor retornaria para a casa do jovem e acertaria para que se encontrassem... O interlocutor vai ao encontro com o jovem e seu pai, e se encontram com o pai da moça [sem a presença dela]...” (T. A.).

mente nesse tipo de casamento o pai era responsável pela palavra final. É importante ressaltar que ambos são relatos de pais. Em outro caso a filha *foi casada* contra sua vontade, mas esta pareceu ser uma situação limite, na medida em que muitos relatos apontaram que a não-aceitação por parte de um dos futuros noivos podia ser motivo para se desfazer um acordo (op.cit.: 108-113).

O casamento representava um momento de transição para todos na família, os demais filhos adultos teriam que sair ou, se ficassem, aceitar uma condição de subordinação ao irmão. Os pais se mudavam para o quarto atrás da cozinha, o *west room*, mais valorizado por ser associado à tradição da família, onde ficavam guardadas as relíquias e móveis que passavam de geração para geração. Mas este quarto só era ocupado nesta situação, isto é, pelo casal de velhos e assim era associado aos velhos. O casal de velhos vivia na casa até morrer.

Os velhos na família, depois da transferência da propriedade, assumiam papéis diferentes: o velho, *old fellow*, ajudava com seus conhecimentos o filho (que ouvia, mas não necessariamente obedecia), mas perdia seu papel como chefe de família. A velha, *old woman*, ajudava a cuidar dos netos. A partir deste momento perdiam a autoridade máxima na família, o pai não mais comandava e nem gerenciava a propriedade e a mãe deveria dividir a organização da casa com a nora que lentamente assumiria todo o controle. Em uma situação de conflito entre a mãe e a nora, o filho ficaria ao lado da esposa e a mãe deveria sair.

A família completa, segundo os autores, era a ideal, sendo composta de pai, mãe e filhos e, em um segundo momento, um casal, filhos e avós. Caso a família fosse incompleta, algum parente poderia assumir um dos papéis. Isto pode ser observado nos casos apresentados no Quadro 1, onde O'Donoghue passou a propriedade para um sobrinho casado e John Quin casou com a irmã de uma viúva⁴⁸ assu-

⁴⁸ Não era aceito o casamento entre irmãos, primos e nem cunhados, por isso o comum era que encontrassem uma alternativa. A viúva tendia a não se casar de novo, como neste caso em que uma irmã mais nova da viúva se ca-

mindando a propriedade e a viúva ficou na posição de *old woman*. Portanto, com a transferência da terra passavam a conviver oficialmente duas gerações adultas na casa. Pode-se afirmar que ser jovem ou velho, ou ainda menino, *young fellow* ou *old fellow*, variava também de acordo com a posição que o indivíduo ocupava na família, em relação à posição social de maior *status*: proprietário.

A mudança fundamental era no significado dessas categorias. O jovem que já havia passado por determinadas etapas: casamento, transferência da propriedade e primeiro filho, era visto e tratado de forma diferente daquele que ainda não tinha passado por uma ou mais destas etapas, este último sendo tratado por menino. Um exemplo é John Quin que, mesmo sendo proprietário, ainda era chamado de *young fellow*. Mas, já podia participar da casa dos velhos, porque já era percebido como sendo do mesmo grupo, ainda que não tivesse espaço e nem prestígio nesse meio. Talvez a inexistência de filhos e de velhos no seu espaço doméstico contribuisse para sua imagem, juntamente com o fato de que freqüentava casas de jovens.

Da mesma forma, o termo *velho* assumia diferentes significados de acordo com o indivíduo a que estava referido e que posição este ocupava na família: o velho que ainda era proprietário e já tinha os filhos crescidos tinha mais prestígio do que aquele que já tivesse passado suas terras. Novamente a exceção no grupo analisado pode tornar complexa esta questão: O'Donoghue, o mais prestigiado na comunidade, já havia passado sua propriedade, mas parecia continuar com autoridade sobre o sobrinho na gerência da terra. No mesmo sentido, esse sobrinho não participava do grupo, o que pode indicar que não era percebido como proprietário, mas como jovem, ao passo que o velho O'Donoghue era percebido como patriarca e chefe da família.⁴⁹

sou e o casal assumiu a propriedade. Para mais detalhes, ver como ocorriam as relações de parentesco no capítulo 5 da monografia.

⁴⁹ Neste caso, o fato de ser sobrinho e não filho e ainda não ter filhos herdeiros pode contribuir para a sua situação de subordinação.

A ocupação do espaço doméstico também demonstra esses diferentes significados para os mesmos termos. Segundo os autores, só podia haver um casal sexualmente ativo, ocupando o quarto principal da casa, o que implicitamente queria dizer que os velhos não eram considerados sexualmente ativos. Isto se caracterizava na mudança para o *west room*. Quando não havia velhos na família, outros parentes podiam vir ocupar este lugar, o que também reforçava a importância da sua função interna à família.

Essa grande mudança assim como tudo o que ela representava, podia ser adiada por muito tempo, sendo esta, segundo os autores, a razão dos casamentos tardios comuns nas famílias camponesas da Irlanda. O pai adiava ao máximo essa transição (transferência da propriedade), por sua vez os filhos esperavam a decisão de quem seria o futuro herdeiro e não se apressavam em casar. Já as filhas ficavam em situação mais difícil pois o seu dote seria concedido em função do dote recebido através do casamento do herdeiro. Isso podia gerar uma situação em que, como relatou um informante, os filhos ficavam à espera da fortuna, correndo o risco de envelhecerem e não conseguirem se casar.⁵⁰ Outra saída mais conflitiva, usada principalmente pelas filhas, era fugir para casar, já que a perspectiva muitas vezes era de uma longa espera para que pudessem sair de casa.⁵¹

Os quadros apresentados anteriormente corroboram esta análise. Observa-se no Quadro 1 os chamados velhos que estavam todos ativos em suas propriedades e tinham filhos acima de 20 anos, alguns com 30 anos, solteiros e morando em casa. No Quadro 2 os que tinham filhos, também estavam na mesma situação, com filhos solteiros com mais de 30 anos.

⁵⁰ Woortman (1995) mostrou como essa demora, com o passar do tempo, podia culminar com a saída do filho herdeiro e sua esposa da casa dos pais e gerar como consequência a falta de um herdeiro para assumir a propriedade.

⁵¹ Op. cit.: 110, 111. Segundo os autores, com a criação da aposentadoria aos 70 anos, a passagem da propriedade teria se tornado menos conflitiva.

Assim, o casamento tardio e o celibato podem ser lidos como consequência do próprio sistema. Como ressalta Bourdieu (1962), o próprio sistema matrimonial e de herança contribuiria para produzir celibatários - no caso analisado por esse autor, os mais novos tendiam a não se casar - e a emigração dos filhos não herdeiros. Mas a emigração e o celibato dos não herdeiros não eram vistos nem na comunidade estudada por Bourdieu e nem na estudada por Arensberg e Kimball como problemas. A preocupação passou a ser explicitada quando os herdeiros começaram a ter dificuldades para se casarem. Ou seja, a explicação para o celibato é intrínseca ao próprio sistema matrimonial e de herança dessas comunidades. As diferenças de percepção mudavam de acordo com a posição na família do celibatário, no caso do herdeiro o celibato representava uma ameaça para a reprodução da família e para a futura transferência do patrimônio, assim como um risco para a continuidade da família, do seu nome e patrimônio.

Da mesma forma, as opções como fugir para casar, ou mesmo recusar-se a casar com determinado pretendente, demonstram que o sistema era passível de negociações e transgressões. Novamente aproximando com a análise de Bourdieu (1962: 47), que afirma,

...les individus jouent dans les limites des règles, de sorte que le modèle que l'on peut construire ne représente ni ce qui doit se faire ni même ce qui se fait mais ce qui tendrait à se faire à la limite, si se trouvait exclue toute intervention de principes extérieurs à la logique du système, tel que le sentiment.⁵²

Portanto, demorar a repassar a propriedade, mantendo seu *status* de proprietário e chefe de família, e os filhos esperarem a definição do futuro herdeiro seriam atitudes internas à lógica do sistema campo-nês descrito por Arensberg e Kimball e, como afirmaria Bourdieu

⁵² “Os indivíduos jogam nos limites das regras, de modo que o modelo que pode ser construído não representa nem o que se deve fazer e nem mesmo o que se faz, mas o que se tende a fazer no limite, se estiverem excluídas todas as intervenções de princípios exteriores a lógica do sistema, tal qual o sentimento” (T. A.).

(1962: 58), carregaria, em si, uma contradição. O fato de a principal preocupação da família camponesa ser a salvaguarda de seu patrimônio – e todos os esforços da família serem conduzidos neste sentido – contribuía para a emigração de alguns filhos e o celibato de outros, seja pela própria demora do processo, seja por não poderem garantir o dote (ou o equivalente no caso do filho que se casasse com uma herdeira).

Ao mesmo tempo, os filhos pareciam ter um espaço de ação configurado por essas normas mas que variava em cada situação vivida, como nos muitos exemplos apresentados na monografia. Para a questão aqui tratada, vale ressaltar que o sistema que previa de antemão que o pai passaria o patrimônio em vida e que concedia aos proprietários o mais alto prestígio em suas comunidades, carregava, como parte desta lógica, possíveis tensões na relação entre pais e filhos e jovens e velhos, como se verá mais adiante.

Ser velho e ser jovem dentro e fora da comunidade

As relações na própria comunidade devem ser analisadas no sentido de contribuir para se compreender as classificações de jovem e velho. Se por um lado as casas dos velhos e dos jovens, a família e a comunidade apareceram ao longo de toda a monografia como classificadoras do indivíduo,⁵³ o mesmo indivíduo transitava por diferentes comunidades conforme seus interesses e relações, e seria fiel a cada uma delas de acordo com o que estivesse em disputa. O mesmo indivíduo podia reproduzir diferentes regras e normas, de acordo com os espaços por onde transitasse. Por exemplo, o mesmo camponês que vivia em uma comunidade podia ir à missa em outra localidade próxima, mandar seus filhos para escolas em uma terceira comunidade, ir ao mercado de uma quarta e se sentiria como pertencendo a cada

⁵³ A definição de comunidade nesta região, segundo os autores, era ampla e podia corresponder a uma vila, um aglomerado de vilas, a paróquia, um antigo baronato, um planalto, um vale etc.

uma delas. O que caracterizaria uma comunidade seria algum tipo de base geográfica, apesar de as relações serem construídas a partir das experiências de cada indivíduo. Assim, segundo Arensberg e Kimball, para se realizar um estudo de comunidade local entre os camponeses irlandeses seria necessário levar em conta as bases geográficas das relações sociais (op.cit.: 273). Mas esse trânsito por diferentes comunidades também pode ser visto no sentido empregado por Bailey (1971), onde comunidade envolve pertencimento e experiência individual em diferentes realidades e onde a territorialização não é necessariamente determinante.⁵⁴

Esta definição pode contribuir para a análise de comunidade apresentada a partir do material empírico. Na monografia de Arensberg e Kimball a competição entre os vizinhos era permanente e a reputação dos chefes de família era o fator mais importante para definir o prestígio da família na comunidade. Assim, as relações de reciprocidade e obrigação seriam constantemente avaliadas na comunidade através de mecanismos de controle, como a fofoca. Segundo os autores, como vimos, os *cuaird* eram importantes espaços de regulação e sanção na comunidade. O que fosse avaliado ou decidido se espalhava rapidamente pela comunidade em forma de fofoca ou em casos limites através de boicotes.

⁵⁴ Bailey, em *Gifts and Poisan*, define comunidade como um espaço social de interações onde as pessoas participam do jogo social com suas regras próprias para a manutenção e gerenciamento da reputação. As obrigações como estando acima de qualquer interesse pessoal é uma proposição formal, mas no dia-a-dia as pessoas consideram os dois lados. As interações estão baseadas na troca de dinheiro, serviços, casamento, prestígio, mas nesta troca, o *dom* pode gerar o *veneno*, competição entre iguais, onde a igualdade tem como consequência também a rivalidade. Ter uma boa ou má reputação não condiciona a possibilidade de ser membro de uma comunidade. Toda sociedade tem bons e maus membros. Mais importante é ser da comunidade em oposição a quem não é. A preocupação com esta imagem está associada à manutenção de um equilíbrio entre obrigações para com a comunidade e os interesses pessoais. A rivalidade seria também um elemento de integração.

A distinção entre jovens e velhos era visível na maneira como se organizavam em espaços públicos. Os jovens e os velhos andavam pelas ruas separados em grupos. Antes de entrarem na igreja para assistirem à missa conversavam também separados em grupos de jovens e velhos e por sexo. A entrada na igreja seguia a mesma lógica: primeiro entravam os homens mais velhos, os mais novos, em seguida as mulheres mais velhas, depois as mais novas, por fim entravam as crianças. Mulheres e homens ficavam sentados separadamente, mantendo os grupos.

Um costume muito comum era o *stopping on the road to pass the time of day*,⁵⁵ isto é, parar para conversar com um conhecido. Este era um momento muito valorizado pelos camponeses, quando podiam comentar sobre conhecidos em comum, assuntos da comunidade etc. Era uma atividade também mais associada aos homens e tendia a obedecer a mesma lógica de velhos e jovens. Os jovens só paravam para conversar com outros que reconhecessem como iguais, da mesma forma os velhos. Mas as conversas e o que fosse dito entre os velhos tinham mais peso na comunidade e na reputação de um indivíduo ou de uma família. Em algumas situações, jovens e velhos podiam ser vistos em um mesmo grupo de conversa, mas eram os velhos que regulavam o tempo e o assunto da conversa, os *boys* ouviam em silêncio (op.cit.: 171). O prestígio de um indivíduo era medido e negociado nesses espaços e a partir de como outros se referiam a ele. Podia-se adquirir a fama de santo ou de bruxa de acordo, principalmente, com o julgamento que os velhos imprimiam sobre determinada pessoa.

Mas se os velhos pareciam deter o controle da comunidade e eram responsáveis pelas percepções dos que nela viviam, os jovens eram o elo com o mundo externo. Diversas estratégias familiares para encaminhar os filhos – como alternativas ao casamento na propriedade ou com outro proprietário – envolviam sair da comunidade de origem.

⁵⁵ “Parar na estrada para passar o tempo” (T. A.).

Um filho podia ser encaminhado como aprendiz para uma casa de negócios em uma das cidades próximas à comunidade. Este processo envolvia uma negociação direta entre o pai e o dono do comércio, que reproduzia a autoridade paterna e as relações de subordinação. Tanto no procedimento de encaminhamento do filho, que passava a morar com o comerciante, quanto na nova relação que se estabelecia, o jovem estava subordinado a velhos. No primeiro momento, o pai firmava um contrato com o dono do comércio definindo os termos em que seu filho ficaria a serviço do comerciante como aprendiz, o salário e o aumento da remuneração após o ano de treinamento, caso o filho permanecesse no estabelecimento (op.cit.: 344, 345).

É possível afirmar que o procedimento era similar ao processo de *matchmaking*, casamento contratual, onde o pai tinha um papel determinante. Esta era uma opção muito prestigiada e uma vez que um filho entrasse neste processo toda a família passava a freqüentar o estabelecimento, o que representava para o dono freguesia certa. A tendência era que o filho caminhasse para um negócio próprio e sua família o seguisse, como clientes, em seu novo estabelecimento.

Esta saída do campo, passando a viver na cidade, permitia ao jovem, aos poucos, um maior controle de sua renda e acesso a um tipo de informação que seu pai não tinha: as notícias que circulavam na cidade sobre a própria cidade ou sobre lugares ainda mais distantes. O jovem passava a representar um elo da família e da comunidade de origem com um universo menos controlado pelo pai e pelos velhos de sua localidade, onde, aos poucos, podia ganhar espaço e prestígio em função de sua posição nesta nova realidade.

Esta lógica reproduzia uma tendência que aparecia desde a infância. Ainda crianças a primeira função dos filhos era levar e trazer recados, fazendo a ponte com vizinhos e parentes próximos. Quando começavam a ir à escola passavam a trazer informações de outras localidades, seja porque a escola que freqüentavam ficava em outra comunidade ou porque travavam contato com outras crianças/jovens de outras comunidades e passavam a trazer notícias para o núcleo

familiar e para a comunidade. Um momento valorizado na família era quando os filhos chegavam da escola e contavam para os pais, principalmente para a mãe, as novidades.

Mas a circulação podia ser por lugares mais distantes e com menos controle paterno; quanto mais longe menor seria a capacidade dos pais controlarem, por exemplo, a renda dos filhos. Quando trabalhavam de forma assalariada, ainda morando com os pais, parte do salário era entregue para o pai, que normalmente tinha conhecimento de quanto o(a) filho(a) recebia. Com a distância esta relação era enfraquecida, assim como a autoridade dos pais na decisão sobre a vida dos filhos. Filhas que emigravam para outros países, como os EUA, não se sentiam obrigadas a se casarem com o consentimento dos pais. Mas algumas relações de reciprocidade e obrigações eram mantidas. Ajudar os pais ou um irmão que estivesse precisando era considerado obrigação para aqueles irmãos que conseguiram se estabelecer em outro lugar. Mandar presentes e visitar no Natal também eram costumes recorrentes.

Por outro lado, como demonstraram os autores, a emigração fazia parte da lógica interna da família. Seria uma forma de manter o patrimônio familiar e ainda garantir alguma inserção para os filhos não herdeiros. A questão que deve ser ressaltada é a mudança na relação de autoridade entre pais e filhos, podendo estes últimos obter prestígio a partir destas iniciativas e dessa forma não dependeriam das relações descritas anteriormente. Ou seja, eram formas de se “escapar” da lógica interna onde só os proprietários, homens, chefes de família eram valorizados.

**Impressões finais:
os diferentes significados de *old fellow* e *young fellow***

Através da releitura do material coletado por Arensberg e Kimball foi possível observar como termos usados muitas vezes em espaços informais e em tom até mesmo de intimidade podem desvelar a construção de categorias que estavam no cerne do que estes autores denominaram sistema camponês. O mesmo termo carregava diferentes significados e variava de acordo com quem estivesse falando e em que espaço. Não seria possível compreender as diferentes relações envolvidas na construção das categorias jovem e velho, se estas não fossem tomadas a partir dos distintos espaços de sociabilidade, assim como olhadas de pontos de vista diversos: de dentro e de fora da família e da comunidade. As exceções contribuíram para mostrar como as normas também variavam de acordo com as experiências vividas pelos indivíduos e as relações internas e externas à comunidade que estabeleciam.

Ou seja, por um lado o modelo explica como situações que seriam aparentemente estranhas à lógica da família camponesa, tais como a emigração e o celibato de jovens, estavam inscritas nas próprias estratégias para manutenção e continuidade do patrimônio familiar. Mas as mesmas situações podem ser privilegiadas para se perceber o grau de escolhas individuais e as formas de se negociar com as regras. Tomando os exemplos apontados anteriormente - onde um informante relata o que seria um caso hipotético de distribuição de patrimônio e de recursos para os filhos - se percebe diferentes tipos de inserção, que possivelmente seriam mais ou menos valorizados na família e na comunidade. Por exemplo, um filho poderia frequentar a universidade e se tornar um profissional liberal, ou ainda vir a ser um negociante, ao passo que para os filhos mais novos e para as filhas as escolhas pareciam mais limitadas e possivelmente menos prestigiadas, como ser empregada doméstica ou se casar com uma herdeira (situação em que o homem carrega o nome do sogro e não o de sua família). Na medida em que as opções de inserção mais pres-

tigiadas demandavam um investimento financeiro por parte da família, a autoridade paterna poderia prevalecer na tomada de decisões, pois o pai gerenciava o patrimônio familiar.

Mas pode-se perguntar que outros fatores estariam em jogo nas escolhas das futuras inserções dos filhos; até que ponto os interesses individuais, negociações e ações mais drásticas eram fruto do modelo ou eram formas de atuar nos seus limites; ou ainda, quando significavam rupturas definitivas ou temporárias, por parte dos filhos, em busca de alternativas diferentes das propostas pelos pais. Um caso emblemático é a situação de duas irmãs (op. cit.: 113). Uma irmã havia emigrado para os EUA e estava noiva. A outra, mais nova, também queria emigrar e já havia combinado ir morar com a irmã nos EUA, onde um emprego de professora a esperava, quando soube que seu pai havia acertado o seu casamento com o filho de um proprietário. Ela se recusou a casar e a irmã ameaçou vir dos EUA interferir, mas o noivo que também morava nos EUA não permitiu, com medo que o pai também a casasse à força. A irmã casou contra a sua vontade e não emigrou, a outra não compareceu ao seu casamento.

Analisando este caso alguns elementos dão pistas para se perceber a complexidade das relações vividas nestas famílias. Ele é apresentado na monografia como exceção, mas revela primeiro que a opção de emigrar nem sempre era um consenso na família e pode representar um momento de conflito. A autoridade paterna pode se impor à vontade dos filhos o que também pode gerar situações de conflito. Assim, a posição da filha que já havia emigrado pode ser lida menos como uma estratégia familiar e mais como uma forma de "libertação" da autoridade paterna. O prestígio é outro fator que pode ser melhor analisado ao se comparar este caso com a situação de um filho que se tornou negociante. A posição da filha que emigrou na família não lhe garantiu espaço de intervenção, voz ativa, como mostrou o fato de ela não ter levado a cabo, em termos de atitudes, sua opinião contrária ao casamento da irmã. Da mesma forma, o receio de que também a casassem à força parece ter pesado a ponto desta não comparecer

ao casamento - o que era considerado um momento importante de reunião da família. E ainda poderia significar que o noivo americano não era bem aceito pelos pais. Portanto, mesmo distante e mais independente a sua posição na família continuava a ser de subordinação. Ao contrário, um filho negociante parecia gozar de alto prestígio na família e na comunidade.

Assim, por esta etnografia observou-se que, se por um lado, o debate sobre herança nos permite considerar com mais profundidade as relações internas à família e à “comunidade camponesa”, por outro, coloca em seu eixo de discussão a própria categoria “jovem”. Indivíduos cuja posição de filhos, herdeiros ou não herdeiros, está diretamente associada à categoria “jovem”. O processo de transmissão patrimonial e cultural está intrinsecamente relacionado à posição hierárquica que “ser jovem” ocupa em dada realidade. Como demonstrado pelos autores, a autonomia e a dependência estão relacionadas a ter acesso à terra. Neste contexto, os “jovens” são associados à dependência em relação à autoridade paterna e de outros adultos. “Jovem” seria uma condição hierarquicamente inferior na organização interna da família, em oposição a proprietário, especialmente no caso dos homens.

A condição de filho em uma comunidade camponesa assume, ao longo da vida, diferentes posições na família, como observado por Moura (1978) e Heredia (1979). Essa condição é marcada por processos de entrada em uma vida adulta, demarcados de acordo com cada realidade, podendo ser o momento do alistamento militar, o do casamento, mas principalmente, como demonstrado por Arensberg e Kimball, o da herança da terra, ainda que o processo seja, em alguns casos, demorado. Os autores mostraram como a passagem da percepção por parte da comunidade de jovem para adulto e sua entrada no mundo dos velhos era um processo lento. Mas essa análise pode ser aprofundada na medida em que o que parecia definir a condição de velho era a convivência de duas gerações na mesma casa, especialmente de dois homens - pai e filho - no mesmo espaço doméstico,

mesmo aquele já tendo passado a propriedade para o filho. Como mostraram Arensberg e Kimball, enquanto o velho estivesse presente o filho seria o jovem. O processo era gradual e avançava a partir de alguns momentos cruciais: o casamento, a transferência da propriedade, o nascimento do primeiro filho e a conseqüente diminuição da autoridade do antigo patriarca.

Essas percepções talvez pesassem na definição de quem era percebido como jovem e velho na comunidade e no interior da família. Assim, ser velho e ser jovem para um camponês irlandês era muito mais que uma questão de idade, envolvia prestígio, *status* e autoridade. Trabalhar as diferentes percepções e discursos dos informantes sobre aqueles associados a estas categorias permitiu um mergulho em um universo complexo e informado a partir de múltiplas relações entrelaçadas e vividas no cotidiano e nas atividades mais corriqueiras do dia-a-dia desses *old fellows* e *young fellows*.

Um caminho para dessubstancializar a categoria “jovem” é observá-la a partir de processos de construção como a que tratamos neste artigo. Apesar de Arensberg e Kimball apontarem recortes recorrentes para a análise do “ser jovem camponês”, como a migração, ou seja, a categoria observada a partir de um problema social, e o próprio recorte etário, a etnografia nos forneceu elementos para buscar outras formas de se observar a categoria. Retomar o material, que permite, pela sua riqueza de detalhes, ser relido à luz de outros olhares, foi um exercício instigante. Destrinchando como a categoria era percebida socialmente, como era acionada e por quem, foi um importante recurso analítico. O prestígio associado à categoria velho em oposição à jovem, e a possibilidade de observar como, segundo os autores, se dava, ou não, a passagem da categoria jovem para velho foi sem dúvida revelador. Neste caso contribuí fortemente para questionar a inexorabilidade da categoria “jovem” como transitória, assim como construções etárias prédefinidas. Esse exercício fortalece a importância de estranharmos as leituras homogeneizantes sobre a categoria e

nos debruçarmos para buscar novos olhares que tratem o tema em sua complexidade.

Referências bibliográficas

- Abramo, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In Peralva, A. e Sposito, M. (org.), *Juventude e Contemporaneidade – Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, São Paulo: Anped, 1997.
- Abramovay, R. et al. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
- Alvim, R. e Gouveia, P. *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Gestão Comunitária/Contra Capa, 2000.
- Amit-Talai, V. e Wulff, H. (orgs.) *Youth Cultures – a cross-cultural perspective*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1995.
- Arensberg, C. M. e Kimball, S. T. *Family and Community in Ireland*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 1968.
- Baeninger, R. Juventude e movimentos migratórios no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.
- Bailey, F. The Peasant View of the Bad Life. In: *Peasants and Peasant Societies*. Penguin Books. Harmondsworth, Middlesex, England, 1971, p. 299-321.
- Barreira, C. (coord.) et al. *Ligado na galera – juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: Edições Unesco, 1999.
- Bourdieu, P. Celibat et Condition Paysanne. In: *Études Rurales*, 5-6, 1962, p. 32-109.
- _____. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- Britto, S. (org.). *Sociologia da juventude, I – da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- Brkic, S e Zutinic, D. *Education of rural youth as the factor of exodus or professionalization of farming*. Rio de Janeiro: X Congresso Mundial de Sociologia Rural, mimeo, 2000.
- Carneiro, M. J. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário de jovens rurais, in Texeira, F. C.; Santos, R.; Costa, L. F. (orgs.) *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- Castro, E. G. de. Assentamentos entre o rural e o urbano. In: Carneiro, M. J. (org.) *Campo Aberto – o rural no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- _____. *Entre o rural e o urbano: dimensões culturais dos assentamentos rurais no estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado PPGS/IFCS/UFRIJ, dez, 1995.

- _____. (coord.) et al. *Cultivando vida desarmando violências*. Brasília: Unesco, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, 2001.
- Champagne, P. “Jeunes agriculteurs et veux paysans: crise de la succession et apparition du “troisième âge”, in *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. Paris: Editions Minuit, n. 26,27 – mars – avril, 1979, p. 83-107.
- Deser/ Comissão de Jovens do Fórum Sul dos Rurais da CUT. *Perspectivas de vida e trabalho da juventude rural na região Sul*. Convênio: Ceris/Fórum Sul dos Rurais da CUT/Deser, mimeo, 1999.
- Durston, J. *A juventude rural excluída de America Latina: reduzindo a invisibilidade*. Apresentação no Congresso de la Asociacion Latinoamericana de Sociologia (Alas), mimeo, 1997.
- Engelbrektsson, U. *Tales of Identity - Turkish youth in Gothenburg*. Stockholm: Ceifo, 1995.
- Fiúza, S. R. A. *Moralidade e sociabilidade: contribuição para uma antropologia da juventude*. PPGAS/MN/UFRJ, dissertação de mestrado, 1989.
- Flitner, A. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: Britto, S. (org.), *Sociologia da Juventude*, I – da Europa de Marx à América Latina de Hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- Foracchi, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Edusp, 1972.
- Fortes, M. Introduction. In: Goody, J. (org.), *The Developmental Cycle in Domestic Groups*. Londres: Cambridge University Press, 1969.
- Guanziroli, C. E. Principais indicadores sócio-econômicos dos assentamentos de reforma agrária. In: *Assentamentos rurais, produção, emprego e renda - O Relatório da FAO em debate*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- Heredia, B. A. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Jentsch, B. e Burnett, J. *Experiences of rural youth in the “risk society”: the transition from education to employment*. Rio de Janeiro: X Congresso Mundial de Sociologia Rural, mimeo, 2000.
- Majerová, V. *Future of youth in Czech countryside*. Rio de Janeiro: X Congresso Mundial de Sociologia Rural, mimeo, 2000.
- Mannheim, K. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- Maresca, S. *Les dirigeants paysans*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
- Margulis, M. *La juventude es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- Mayer, A. C. A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: Feldman-Bianco, B. (org.), *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- Mead, M. *Coming of age in Samoa*. Londres: Pinguin Books: 1969.

- Medeiros, L. S. de et al. (orgs.). *Assentamentos rurais - uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.
- Medeiros, L. S. de. “Sem Terra”, “Assentada”, “Agricultora Familiar”, condições sobre os conflitos sociais e as formas de organização dos trabalhadores rurais brasileiros. In: Giarracca, N. (org.). *Uma nova ruralidade na América Latina?* Coleção Grupos de Trabalhos de Clasco, Buenos Aires, 2001.
- Medeiros, L. S. de e Leite, S. P. Os impactos regionais dos assentamentos rurais: dimensões econômicas, políticas e sociais. In: *Debates CPDA*, nº4, dez, 1997.
- Mische, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. In: *Juventude e Contemporaneidade - Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, São Paulo: Anped. p. 134-150, 1997.
- Moura, M. M. *Os herdeiros da terra*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- Novaes, Regina R. Juventude/ juventudes?. In: *Comunicações Iser*, n. 50, ano 17. Rio de Janeiro: Iser, 1998.
- Novaes, R. R. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: Vianna, H. (org.), *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.
- _____. *Caminhos cruzados: juventude, conflito e solidariedade*. Rio de Janeiro: Iser, 1996.
- Oliveira, J. de C. et al. Evolução e características da população jovem no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.
- Palmeira, M. G. S. et al. *Impacto dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro*. Brasília, Nead: São Paulo, Ed. Unesp, 2004 .
- Palmeira, M. G. S. e Leite, S. Debates econômicos, processos sociais e lutas políticas. In: Costa, L. F. C. e Santos, R. *Política e reforma agrária*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998
- Peralva, A. e Sposito, M. (orgs.). Juventude e contemporaneidade, *Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, São Paulo: Anped, 1997.
- Sallas, A. L. F. et al. *Os jovens de Curitiba: esperança e desencantamentos*. Brasília: Edições Unesco, 1999.
- Stoetzel, J. Os jovens na sociedade japonesa: uma identificação demográfica. In: Britto, S. (org.). *Sociologia da Juventude, I - da Europa de Marx à América Latina de Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- Thomas, W. I. e Znaniecki, F. *The Polish Peasant in Europe and America*. Nova Iorque: Octagon Books, 1974.
- Torrens, J. *Representação do rural e do urbano na juventude rural no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: X Congresso Mundial de Sociologia Rural, mimeo, 2000.
- Vianna, H. (org.). *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: Contra Capa/ Gestão Comunitária /Instituto de Investigação e Ação Social, 1997.

Young Fellow e *Old Fellow*: a construção da categoria “jovem”...

Vox Mercado MG. *Universo valórico do produtor rural e de seus filhos*, mimeo, 2000.

Waiselfisz, J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

_____. *Mapa da violência II: os jovens do Brasil*. Brasília: Unesco, 2000.

Weisheimer, N. *Estudos sobre os jovens rurais do Brasil: mapeando o debate acadêmico*. Nead/MDA, mimeo, 2004.

Woortman, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo-Brasília: Hicitec/Edunb, 1995.

Wulff, H. Introduction: introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities. In: Amit-Talai, V. e Wulff, H. (orgs.), *Youth Cultures – a cross-cultural perspective*. Londres: Routledge, 1995.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Young Fellow e Old Fellow: a construção da categoria “jovem” a partir de um estudo de Arensberg e Kimball sobre família e comunidade na Irlanda. Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro 2004, vol. 12 no. 2, p. 372-321. ISSN 1413-0580.

Resumo. Este artigo trata das formas de construção da identidade “juventude rural” e seus correlatos “jovem rural”, “jovem da roça”, “jovem do campo”. Aqui revisitaremos uma etnografia clássica dos estudos de campesinato *Family and Community in Ireland*, que, embora não tivesse o “jovem” como tema central, contribui, em muito, para o aprofundamento metodológico de sua investigação. A tarefa de buscar novos caminhos analíticos exige um trabalho minucioso sobre processos de construção dessa categoria. Esta é a principal razão, neste artigo, para se visitar essa brilhante etnografia de Arensberg e Kimball, que desvela como a construção da categoria “jovem” está imbricada em relações de hierarquia, poder e autoridade.

Palavras-chave: juventude; juventude rural; campesinato.

Abstract. (Young fellow and old fellow: the construction of the category of “youth” on the basis of Arenberg and Kimbell’s study of family and community in Ireland). The paper intends to contribute to new ways of analyzing the construction of the category “rural youth”. A major challenge is to denaturalise this category and look for ways of comprehending it in its multiple meanings. Here we will revisit a classic ethnography of peasant studies: “Family and Community in Ireland”. Although youth was not its main subject, this study provides an important methodological contribution. The task of finding new analytical tools for studying youth requires a meticulous observation of the way this category is constructed. This is the principal justification for revisiting in this paper the brilliant ethnography written by Arensberg and Kimball, which shows how the construction of this category is inseparable from hierarchical, power and authority relations.

Key words: youth; rural youth; peasant.